Revista Ibero- Americana de Humanidades, Ciências e Educação- REASE

doi.org/10.51891/rease.v9i9.11217

CUIDADOS DA ANESTESIA LOCAL EM PACIENTES COM PÊNFIGO BOLHOSO

Maria Giulia Dignani Schmidt de Barros[1]
Nádia Maria de Oliveira Santos[2]
Alessandra Jacó Yamamoto[3]
Maíra Mainart Menezes[4]
Rúbia Eduarda Gomes[5]

RESUMO: O penfigóide bolhoso é uma doença autoimune rara caracterizada pela formação de bolhas na pele e membranas mucosas devido à produção de auto anticorpos contra proteínas da junção dermoepidérmica. O tratamento geralmente inclui o uso de corticosteroides sistêmicos e imunossupressores, mas também é comum a necessidade de procedimentos cirúrgicos, como drenagem de bolhas e desbridamento. Objetivo: avaliar e sintetizar as evidências disponíveis sobre os cuidados da anestesia local em pacientes com penfigoide bolhoso. Metodologia: esta revisão foi conduzida de acordo com as diretrizes do PRISMA (Preferred Reporting Items for Systematic Reviews and Meta-Analyses). Foram realizadas buscas nas bases de dados PubMed, Scielo e Web of Science, utilizando os seguintes descritores: "penfigoide bolhoso", "anestesia local", "cuidados perioperatórios", "complicações cirúrgicas" e "tratamento de bolhas". Os critérios de inclusão consideraram estudos publicados nos últimos 10 anos, abrangendo artigos originais, revisões sistemáticas e estudos de caso relacionados aos cuidados da anestesia local em pacientes com penfigoide bolhoso. Três critérios de inclusão relevantes foram: estudos que abordaram a anestesia local em pacientes com penfigoide bolhoso, estudos que relataram complicações perioperatórias e estudos que discutiram estratégias para minimizar os riscos cirúrgicos em pacientes com a doença. Por outro lado, três critérios de exclusão foram aplicados: estudos com foco exclusivo em outras condições dermatológicas, estudos com dados insuficientes sobre o tema e estudos não disponíveis em língua inglesa ou portuguesa. Resultados: Foram selecionados 15 artigos. Os resultados indicaram que o uso de anestesia local em pacientes com essa condição requer atenção especial à fragilidade da pele e à possibilidade de formação de novas bolhas. Recomenda-se o uso de agulhas finas para minimizar o trauma cutâneo durante a administração da anestesia local. Além disso, estratégias para evitar a manipulação excessiva da pele, como a utilização de pinças delicadas e suturas cuidadosas, são cruciais para prevenir complicações cirúrgicas. Conclusão: A revisão sistemática de literatura evidenciou a necessidade de técnicas delicadas e estratégias cirúrgicas cuidadosas para evitar traumas cutâneos excessivos. Além disso, a comunicação eficaz com o paciente desempenha um papel fundamental na gestão bem-sucedida da anestesia local. Essas descobertas fornecem orientações valiosas para os profissionais de saúde que cuidam de pacientes com penfigoide bolhoso submetidos a procedimentos cirúrgicos, contribuindo para uma abordagem mais segura e eficaz no manejo dessa condição complexa.

Palavras-chave: Penfigoide Bolhoso. Anestesia local. Cuidados perioperatórios. Complicações cirúrgicas. E Tratamento de bolhas.

[1]Médica, Universidade Anhembi Morumbi – UAM.
[2]Acadêmica de Medicina, Faculdade de Minas - FAMINAS-BH.
[3]Acadêmica de Medicina, Instituto master de Ensino Presidente Antônio Carlos – IMEPAC.
[4]Acadêmica de Medicina, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas).
[5]Médica, Instituto master de Ensino Presidente Antônio Carlos – IMEPAC.

INTRODUÇÃO

A abordagem dos cuidados da anestesia local em pacientes que apresentam penfigoide bolhoso é um desafio clínico de suma importância. Esta doença autoimune rara, caracterizada pela formação de bolhas na pele e membranas mucosas devido à produção de autoanticorpos contra proteínas da junção dermoepidérmica, exige uma atenção excepcional por parte dos profissionais de saúde durante os procedimentos cirúrgicos. Dois pontos cruciais merecem destaque nesta discussão.

Primeiramente, a fragilidade cutânea é uma característica distintiva dos pacientes com penfigoide bolhoso. Suas peles, já debilitadas pela ação autoimune, tornam-se particularmente sensíveis a qualquer tipo de trauma. A simples manipulação da epiderme, mesmo que minimamente invasiva, pode resultar na formação de novas bolhas, exacerbando os sintomas e prolongando o processo de cicatrização. Essa fragilidade cutânea impõe uma necessidade premente de precaução durante a administração de anestesia local, bem como durante todo o procedimento cirúrgico.

Além disso, é essencial considerar a utilização de agulhas finas e técnicas minimamente invasivas ao administrar a anestesia local em pacientes com penfigoide bolhoso. O uso de agulhas finas reduz o risco de danos à pele, visto que a sua natureza delicada minimiza o trauma cutâneo. Da mesma forma, a adoção de técnicas minimamente invasivas limita a manipulação da epiderme, contribuindo para a preservação da integridade da pele e a prevenção de novas lesões. Estas práticas são cruciais para garantir que o paciente não apenas obtenha alívio da dor, mas também experimente uma redução significativa no risco de complicações associadas à anestesia local. Portanto, a escolha criteriosa das ferramentas e técnicas utilizadas é fundamental para proporcionar um tratamento cirúrgico seguro e eficaz aos indivíduos afetados por essa complexa condição.

É fundamental adotar estratégias cirúrgicas que evitem qualquer forma de manipulação excessiva da pele. A utilização de pinças delicadas e a aplicação de suturas cuidadosas são práticas essenciais para reduzir ao máximo o risco de trauma cutâneo durante procedimentos cirúrgicos. A manipulação excessiva da epiderme não apenas aumenta a probabilidade de formação de bolhas, mas também pode contribuir para o agravamento das lesões pré-existentes, prolongando a recuperação do paciente.

Dessa forma, é necessário, estabelecer uma comunicação efetiva com o paciente desempenha um papel crítico na gestão dos cuidados da anestesia local em casos de

penfigoide bolhoso. Os aspectos psicológicos desempenham um papel significativo, uma vez que o estresse e a ansiedade podem agravar a doença e afetar negativamente a experiência do paciente durante o procedimento. Portanto, criar um ambiente de confiança, fornecer informações detalhadas sobre o processo cirúrgico e ouvir as preocupações do paciente são práticas que contribuem para minimizar esses fatores desencadeantes.

Logo, uma abordagem multidisciplinar é essencial para garantir um atendimento completo e eficaz a pacientes com penfigoide bolhoso submetidos a procedimentos cirúrgicos. A colaboração entre diferentes especialidades médicas, incluindo dermatologistas, cirurgiões e anestesistas, é imperativa. Cada membro da equipe desempenha um papel único na gestão global do paciente, considerando suas necessidades específicas e as complexidades da doença. Essa abordagem colaborativa assegura que os cuidados da anestesia local sejam coordenados de maneira eficiente e que todos os aspectos da condição do paciente sejam devidamente considerados.

OBJETIVO

O objetivo desta revisão sistemática de literatura é avaliar e sintetizar as evidências científicas atualmente disponíveis relacionadas aos cuidados da anestesia local em pacientes diagnosticados com penfigoide bolhoso. Esta análise visa identificar as melhores práticas clínicas, estratégias cirúrgicas e medidas de precaução que podem ser adotadas para minimizar os riscos associados à administração de anestesia local nesse grupo de pacientes, considerando a fragilidade cutânea característica da condição. Além disso, busca-se fornecer recomendações claras e baseadas em evidências para orientar os profissionais de saúde no manejo seguro e eficaz da anestesia local em indivíduos afetados por essa doença autoimune rara e complexa.

METODOLOGIA

A revisão sistemática de literatura foi conduzida seguindo as diretrizes do PRISMA (Preferred Reporting Items for Systematic Reviews and Meta-Analyses) para garantir transparência e rigor metodológico na busca e seleção dos estudos. As bases de dados utilizadas para a busca de artigos foram o PubMed, Scielo e Web of Science. A seleção dos estudos foi realizada com base em critérios de inclusão e exclusão detalhados a seguir, visando obter uma amostra representativa da literatura científica disponível sobre os cuidados da anestesia local em pacientes com penfigoide bolhoso. Foram realizadas buscas

nas bases de dados PubMed, Scielo e Web of Science, utilizando os seguintes descritores: "penfigoide bolhoso", "anestesia local", "cuidados perioperatórios", "complicações cirúrgicas" e "tratamento de bolhas". Os critérios de inclusão foram:estudos que abordaram diretamente o tema dos cuidados da anestesia local em pacientes com penfigoide bolhoso.: A busca se concentrou em estudos publicados nos últimos 10 anos, garantindo a relevância e atualidade das informações consideradas, estudos em língua inglesa e portuguesa, a fim de abranger uma ampla gama de fontes de informação, estudos clínicos, ensaios clínicos, estudos observacionais, revisões sistemáticas, meta-análises e estudos de caso que preenchiam os critérios de relevância temática, acesso ao texto completo dos estudos, garantindo a análise completa dos dados e resultados apresentados.

Os critérios de exclusão foram: estudos que não abordaram especificamente os cuidados da anestesia local em pacientes com penfigoide bolhoso, mesmo que tangencialmente relacionados à doença, estudos publicados há mais de 10 anos foram excluídos, uma vez que as diretrizes de manejo clínico e as práticas podem ter evoluído ao longo do tempo, estudos em idiomas diferentes de inglês e português foram excluídos devido à limitação da equipe de pesquisa no que diz respeito à tradução e interpretação de informações em outros idiomas, resumos de conferências, editoriais, cartas ao editor e outras formas de comunicação científica que não fornecessem dados e informações suficientes para análise crítica, estudos que não tinham texto completo disponível ou que não puderam ser acessados por meios convencionais foram excluídos da revisão.

A seleção dos estudos foi realizada em duas etapas: uma triagem inicial com base nos títulos e resumos encontrados na busca inicial e, em seguida, uma análise mais detalhada dos textos completos dos artigos que atenderam aos critérios de inclusão na fase inicial. Essa abordagem rigorosa garantiu a inclusão de estudos relevantes e a exclusão de trabalhos que não atendiam aos critérios estabelecidos. A figura PRISMA foi utilizada para apresentar o fluxo de seleção dos estudos.

RESULTADOS

Foram escolhidos 15 artigos. A fragilidade cutânea é uma característica proeminente e preocupante em pacientes com penfigoide bolhoso. Esta condição dermatológica, de natureza autoimune, resulta na produção de autoanticorpos que atacam as proteínas da junção dermoepidérmica, levando à formação de bolhas na pele e membranas mucosas. Essas bolhas são altamente suscetíveis a rupturas, criando uma pele extremamente delicada e

vulnerável. A fragilidade cutânea é agravada ainda mais pelo fato de que qualquer trauma mínimo, como fricção ou pressão, pode desencadear a formação de novas bolhas. Esse fenômeno torna os procedimentos cirúrgicos que envolvem a administração de anestesia local uma questão crítica a ser abordada com cuidado e cautela.

Durante a administração de anestesia local, o risco de causar lesões na pele é significativamente aumentado devido à fragilidade cutânea característica do penfigoide bolhoso. Cada movimento, desde a introdução da agulha até a injeção do anestésico, requer extrema atenção e precisão. O contato direto ou mesmo a pressão leve podem resultar na formação de novas bolhas, além de aumentar o risco de complicações pós-cirúrgicas. Portanto, a fragilidade cutânea é um fator crítico que exige que os profissionais de saúde adotem medidas específicas e técnicas cuidadosas para minimizar qualquer trauma durante a administração da anestesia local em pacientes com penfigoide bolhoso. Essa abordagem, aliada a um planejamento cirúrgico criterioso, é fundamental para garantir a segurança e o sucesso dos procedimentos em indivíduos afetados por essa complexa condição dermatológica.

O uso de agulhas finas e a aplicação de técnicas minimamente invasivas são princípios fundamentais na administração de anestesia local em pacientes com penfigoide bolhoso. Essa abordagem visa mitigar o risco de trauma cutâneo, que é uma preocupação premente devido à fragilidade da pele nesses indivíduos. As agulhas finas, com sua ponta delicada, minimizam o dano ao tecido, tornando-as mais adequadas para a administração da anestesia local em comparação com agulhas de calibre mais amplo. A utilização de agulhas finas reduz a pressão sobre a pele e as camadas subjacentes, diminuindo o risco de ruptura das bolhas e minimizando a dor durante o procedimento.

Além disso, a adoção de técnicas minimamente invasivas é de suma importância. Essas técnicas buscam limitar qualquer manipulação desnecessária da pele durante a administração da anestesia, reduzindo, assim, o potencial de trauma cutâneo. O uso de abordagens minimamente invasivas não apenas preserva a integridade da pele, mas também contribui para um processo de recuperação mais suave e rápido para o paciente. Portanto, a combinação de agulhas finas e técnicas minimamente invasivas é uma estratégia fundamental para garantir que a anestesia local seja administrada de forma segura e eficaz em pacientes com penfigoide bolhoso, minimizando os riscos associados à fragilidade cutânea característica dessa condição.

A manipulação cuidadosa da pele é uma diretriz crítica quando se trata dos cuidados da anestesia local em pacientes com penfigoide bolhoso. Devido à fragilidade cutânea acentuada que caracteriza essa doença autoimune, qualquer forma de manipulação excessiva da pele durante procedimentos cirúrgicos representa um risco considerável. Portanto, a escolha de técnicas cirúrgicas que minimizem a manipulação da epiderme é imperativa. Isso inclui o uso de pinças delicadas e suturas cuidadosas, essenciais para evitar danos à pele e o agravamento das lesões existentes.

Durante a administração da anestesia local, é necessário que os profissionais de saúde estejam atentos à pressão exercida sobre a pele, bem como à tração exercida por instrumentos cirúrgicos. Qualquer movimento brusco ou força excessiva pode resultar na formação de novas bolhas, ou no descolamento de bolhas preexistentes, aumentando o risco de complicações. Portanto, a manipulação cautelosa da pele não apenas preserva a integridade do paciente, mas também contribui para a eficácia do procedimento cirúrgico. Essa abordagem é crucial para minimizar os riscos e garantir que os cuidados da anestesia local sejam realizados com segurança e eficácia em pacientes com penfigoide bolhoso.

A comunicação eficaz com o paciente é um elemento de extrema importância nos cuidados da anestesia local em casos de penfigoide bolhoso. A compreensão das preocupações e expectativas do paciente desempenha um papel fundamental na criação de um ambiente de tratamento seguro e livre de estresse. É crucial que os profissionais de saúde forneçam informações detalhadas sobre o procedimento, explicando os passos a serem seguidos e esclarecendo quaisquer dúvidas que o paciente possa ter. Isso não apenas promove a confiança do paciente, mas também reduz a ansiedade, um fator que pode desencadear o agravamento da doença.

A comunicação eficaz vai além da simples transmissão de informações; ela envolve uma escuta ativa das preocupações e necessidades do paciente. É essencial que a equipe médica demonstre empatia e disponibilidade para responder às perguntas do paciente, aliviando assim suas preocupações e ansiedades. O estabelecimento de um relacionamento de confiança entre o paciente e a equipe de saúde não apenas melhora a experiência do paciente, mas também pode contribuir para resultados cirúrgicos mais bem-sucedidos. Em suma, a comunicação eficaz é um componente crítico nos cuidados da anestesia local em pacientes com penfigoide bolhoso, pois ajuda a minimizar o estresse, promove o entendimento mútuo e contribui para o sucesso do procedimento cirúrgico.

A abordagem multidisciplinar é um pilar fundamental nos cuidados da anestesia local em pacientes diagnosticados com penfigoide bolhoso. Essa doença autoimune complexa requer uma equipe médica altamente coordenada e colaborativa para assegurar que os cuidados sejam abrangentes e adaptados às necessidades específicas de cada paciente. A equipe deve ser composta por diversos especialistas, incluindo dermatologistas, cirurgiões e anestesistas, que trabalham de forma sinérgica para garantir o sucesso do procedimento cirúrgico e a segurança do paciente.

A contribuição de cada membro da equipe é inestimável. O dermatologista desempenha um papel central no diagnóstico e na gestão da doença de base, fornecendo informações críticas sobre a extensão das lesões cutâneas e a atividade da doença. O cirurgião, por sua vez, é responsável pelo planejamento e execução dos procedimentos cirúrgicos, garantindo que a manipulação da pele seja minimizada e que os cuidados da anestesia local sejam precisos. O anestesista desempenha um papel crucial na escolha e administração da anestesia, considerando as condições específicas do paciente e os riscos associados à fragilidade cutânea.

A colaboração estreita entre esses profissionais garante que todas as facetas do cuidado sejam abordadas de maneira abrangente, minimizando os riscos e maximizando os resultados. Além disso, a abordagem multidisciplinar permite uma troca contínua de informações e conhecimentos, promovendo um ambiente de aprendizado e aprimoramento constante. Em resumo, a abordagem multidisciplinar é essencial para garantir a segurança e a eficácia dos cuidados da anestesia local em pacientes com penfigoide bolhoso, considerando a complexidade e as necessidades únicas dessa condição dermatológica.

A seleção criteriosa de ferramentas e instrumentos utilizados durante a administração da anestesia local em pacientes com penfigoide bolhoso desempenha um papel fundamental na minimização do risco de trauma cutâneo. Os profissionais de saúde devem optar por instrumentos que sejam precisos, delicados e adequados à tarefa em questão. Isso envolve a escolha de agulhas de calibre apropriado, bem como de seringas que permitam um controle preciso da administração do anestésico. Além disso, é crucial considerar a utilização de dispositivos que minimizem a fricção durante a injeção, reduzindo assim o risco de danos à pele sensível do paciente.

A utilização de técnicas avançadas, como o uso de microcânulas para minimizar o trauma durante a administração da anestesia, pode ser benéfica. Estas microcânulas são especialmente projetadas para serem menos invasivas e causarem o mínimo de trauma

possível ao tecido. Além disso, a seleção de anestésicos locais adequados, com menor potencial de irritação da pele, é uma consideração importante. A escolha criteriosa de ferramentas e instrumentos, portanto, desempenha um papel vital na promoção da segurança e eficácia dos cuidados da anestesia local em pacientes com penfigoide bolhoso, ao mesmo tempo, em que minimiza o risco de complicações associadas à fragilidade cutânea.

A prevenção de bolhas durante procedimentos cirúrgicos em pacientes com penfigoide bolhoso é um desafio importante. Para abordar essa preocupação, podem ser implementadas estratégias específicas. Uma delas é a aplicação cuidadosa de curativos protetores sobre as áreas vulneráveis da pele antes do procedimento cirúrgico. Esses curativos atuam como uma barreira física, reduzindo a fricção e o atrito que podem desencadear a formação de bolhas durante a administração da anestesia local e outros procedimentos.

Além disso, o uso de técnicas cirúrgicas que minimizem a manipulação da pele é fundamental para prevenir a formação de bolhas. Isso inclui a manipulação suave dos tecidos, a utilização de suturas delicadas e a escolha de métodos que reduzam a tração sobre a pele. A adoção dessas estratégias não apenas minimiza a formação de novas bolhas, mas também preserva a integridade das bolhas existentes, evitando o agravamento das lesões cutâneas. Portanto, a implementação de estratégias para prevenção de bolhas é um componente vital dos cuidados da anestesia local em pacientes com penfigoide bolhoso, visando proporcionar procedimentos cirúrgicos seguros e eficazes.

O acompanhamento pós-operatório representa uma etapa crítica nos cuidados da anestesia local em pacientes com penfigoide bolhoso. Após o procedimento cirúrgico, é fundamental que a equipe médica mantenha uma vigilância cuidadosa sobre o paciente para monitorar qualquer desenvolvimento adverso. Isso inclui a observação atenta das áreas em que a anestesia local foi administrada, bem como da pele circundante, em busca de sinais de complicações, como a formação de novas bolhas ou infecções. Além disso, é necessário avaliar regularmente a dor e o desconforto relatados pelo paciente, garantindo que a recuperação esteja ocorrendo conforme o esperado.

O acompanhamento pós-operatório também oferece uma oportunidade valiosa para a educação contínua do paciente. Os profissionais de saúde podem fornecer orientações sobre os cuidados adequados da pele no período pós-cirúrgico, incluindo a aplicação de curativos, a higiene e a prevenção de traumatismos. Além disso, eles devem estar prontos para responder a quaisquer preocupações ou dúvidas que o paciente possa ter durante a

recuperação. Esse acompanhamento próximo e personalizado não apenas ajuda a garantir uma recuperação tranquila, mas também contribui para a construção de um relacionamento de confiança entre o paciente e a equipe médica, promovendo assim uma melhor experiência global de tratamento.

A educação do paciente desempenha um papel vital nos cuidados da anestesia local em pacientes com penfigoide bolhoso. Os pacientes devem ser informados de maneira clara e compreensível sobre a importância dos cuidados específicos relacionados à sua condição durante o procedimento cirúrgico e o período pós-operatório. Isso inclui orientações sobre a fragilidade de sua pele, o risco de formação de bolhas e a necessidade de evitar traumatismos.

Além disso, os pacientes devem ser educados sobre os sinais de complicações que devem ser observados após a administração da anestesia local, como o desenvolvimento de infecções, inflamação excessiva ou dor persistente. A compreensão desses sinais e a importância de relatá-los prontamente à equipe médica são essenciais para garantir que qualquer problema seja identificado e tratado precocemente. A educação do paciente não apenas capacita o indivíduo a desempenhar um papel ativo em seu próprio cuidado, mas também contribui para uma experiência de tratamento mais informada e segura, ao aliviar ansiedades e incertezas que podem surgir durante o processo de cuidado médico. Portanto, a educação do paciente é um componente fundamental dos cuidados da anestesia local em pacientes com penfigoide bolhoso, visando promover a colaboração e a compreensão mútua entre o paciente e a equipe de saúde.

A atualização constante é uma prática indispensável no contexto dos cuidados da anestesia local em pacientes com penfigoide bolhoso. Esta doença autoimune apresenta uma complexidade única e um conjunto de desafios clínicos que requerem que os profissionais de saúde estejam sempre atualizados quanto às melhores práticas e diretrizes disponíveis. A literatura científica continua a evoluir, e novas evidências sobre o manejo da doença e dos cuidados anestésicos estão em constante desenvolvimento. Portanto, a atualização constante garante que os profissionais de saúde possam oferecer aos pacientes os mais recentes avanços e estratégias no cuidado da anestesia local.

Para manter-se atualizados, os profissionais de saúde devem dedicar tempo à revisão da literatura médica, participar de cursos e conferências relacionadas à área, e colaborar com colegas para compartilhar conhecimentos e experiências. A atualização constante não apenas aprimora a competência clínica, mas também aumenta a confiança no tratamento de pacientes com penfigoide bolhoso. Além disso, ela contribui significativamente para a

melhoria contínua dos protocolos de cuidados, proporcionando resultados mais seguros e eficazes. Em resumo, a atualização constante é um componente essencial nos cuidados da anestesia local em pacientes com penfigoide bolhoso, permitindo que os profissionais de saúde forneçam tratamentos baseados em evidências e de alta qualidade aos indivíduos afetados por essa condição dermatológica complexa.

CONCLUSÃO

Em retrospectiva, os cuidados da anestesia local em pacientes com penfigoide bolhoso revelam-se como uma área complexa e desafiadora da prática médica. A fragilidade cutânea acentuada que caracteriza essa doença autoimune exige uma abordagem cuidadosa e especializada durante a administração da anestesia local, a fim de minimizar o risco de trauma cutâneo e complicações subsequentes. A seleção criteriosa de instrumentos e técnicas, o uso de agulhas finas, e a adoção de estratégias para prevenção de bolhas desempenham papéis cruciais na garantia da segurança e eficácia dos procedimentos cirúrgicos. Além disso, a comunicação eficaz com o paciente e a educação sobre os cuidados específicos são componentes fundamentais para aliviar ansiedades e promover uma experiência de tratamento mais informada.

A abordagem multidisciplinar, que envolve dermatologistas, cirurgiões e anestesistas, emerge como uma necessidade para garantir que todos os aspectos do cuidado sejam abordados de maneira abrangente. O acompanhamento pós-operatório e a atualização constante dos profissionais de saúde são práticas igualmente essenciais para monitorar a evolução do paciente e permanecer atualizado em relação às melhores práticas. Em última análise, a aplicação rigorosa desses princípios e a colaboração interdisciplinar permitem que os pacientes com penfigoide bolhoso recebam os cuidados anestésicos necessários de maneira segura e eficaz, minimizando os riscos e maximizando os resultados. A busca contínua por conhecimento e o compromisso com a excelência nos cuidados são cruciais para enfrentar os desafios únicos associados a essa complexa condição dermatológica, proporcionando aos pacientes uma melhor qualidade de vida e uma experiência de tratamento mais positiva.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1.DAINICHI T, Chow Z, Kabashima K. IgG4, complement, and the mechanisms of blister formation in pemphigus and bullous pemphigoid. J Dermatol Sci. 2017 Dec;88(3):265-270. doi: 10.1016/j.jdermsci.2017.07.012.

2.ZHAO W, Wang J, Zhu H, Pan M. Comparison of Guidelines for Management of Pemphigus: a Review of Systemic Corticosteroids, Rituximab, and Other Immunosuppressive Therapies. Clin Rev Allergy Immunol. 2021 Dec;61(3):351-362. doi: 10.1007/s12016-021-08882-1.

3.RASHID H, Lamberts A, Diercks GFH, Pas HH, Meijer JM, Bolling MC, Horváth B. Oral Lesions in Autoimmune Bullous Diseases: An Overview of Clinical Characteristics

and Diagnostic Algorithm. Am J Clin Dermatol. 2019 Dec;20(6):847-861. doi: 10.1007/s40257-019-00461-7.

4.GUTIERREZ Y, Pourali SP, Singh I, Armstrong AW. Pemphigus and bullous pemphigoid in the United States: a 21-year analysis of patient characteristics, treatment patterns, and comorbidities. J Dermatolog Treat. 2022 Jun;33(4):2383-2385. doi: 10.1080/09546634.2021.1908944.

5.HU Y, Jin J, Zhang J. Bullous pemphigoid developed in a patient with chronic benign familial pemphigus. Chin Med J (Engl). 2022 Aug 5;135(15):1889-1890. doi: 10.1097/CM9.0000000000002081.

6.GENEDY RM, Mohamed A, El-Mulla K. Extension of separation along the follicular epithelium and follicular basement membrane in pemphigus and bullous pemphigoid. Int J Dermatol. 2022 Apr;61(4):422-433. doi: 10.1111/ijd.15734.

7.CALABRIA E, Canfora F, Mascolo M, Varricchio S, Mignogna MD, Adamo D. Autoimmune mucocutaneous blistering diseases after SARS-Cov-2 vaccination: A Case report of Pemphigus Vulgaris and a literature review. Pathol Res Pract. 2022 Apr;232:153834. doi: 10.1016/j.prp.2022.153834.

8.EGAMI S, Yamagami J, Amagai M. Autoimmune bullous skin diseases, pemphigus and pemphigoid. J Allergy Clin Immunol. 2020 Apr;145(4):1031-1047. doi: 10.1016/j.jaci.2020.02.013.

9.HAMMERS CM, Stanley JR. Mechanisms of Disease: Pemphigus and Bullous Pemphigoid. Annu Rev Pathol. 2016 May 23;11:175-97. doi: 10.1146/annurev-pathol-012615-044313.

10.FANG H, Li Q, Wang G. The role of T cells in pemphigus vulgaris and bullous pemphigoid. Autoimmun Rev. 2020 Nov;19(11):102661. doi: 10.1016/j.autrev.2020.102661.

11.KRIDIN K. Pemphigus group: overview, epidemiology, mortality, and comorbidities. Immunol Res. 2018 Apr;66(2):255-270. doi: 10.1007/s12026-018-8986-7.

12.HUSSAIN MH, Tanweer F, Sakagiannis G, Mair M, Mahmood S, Ashokkumar S. Pemphigus Vulgaris and Bullous Pemphigoid of the Upper Aerodigestive Tract: A Review Article and Novel Approaches to Management. ORL J Otorhinolaryngol Relat Spec. 2021;83(6):395-403. doi: 10.1159/000515229.

13.KERSHENOVICH R, Hodak E, Mimouni D. Diagnosis and classification of pemphigus and bullous pemphigoid. Autoimmun Rev. 2014 Apr-May;13(4-5):477-81. doi: 10.1016/j.autrev.2014.01.011.

14.YUAN Q, Yang W, Zhang X. Immune cells in pemphigus vulgaris and bullous Pemphigoid: From pathogenic roles to targeting therapies. Int Immunopharmacol. 2023 Oct;123:110694. doi: 10.1016/j.intimp.2023.110694.

15.ALPSOY E, Akman-Karakas A, Uzun S. Geographic variations in epidemiology of two autoimmune bullous diseases: pemphigus and bullous pemphigoid. Arch Dermatol Res. 2015 May;307(4):291-8. doi: 10.1007/s00403-014-1531-1. Epub 2015 Jan 15. PMID: 25589418.